Tradição, fé e saúde no Terreiro de Umbanda Nossa Senhora da Conceição em Nazária-PI

Tradition, faith, and health at the Terreiro de Umbanda Nossa Senhora da Conceição in Nazária-PI

Samuel Correa Duarte[115]
Docente da Universidade Federal da Fronteira Sul

Amanda Soares Melo[116]
Mestrando no PPG em Políticas Públicas da Univ. Federal do Piauí

Fernanda Cristina da Encarnação dos Santos[117]
Docente da Universidade Federal do Amapá

Resumo: Este artigo apresenta, na perspectiva sócio-histórica, bases para a compreensão da relação entre a prática de religião de matriz afro-brasileira e a promoção da saúde. Para fins de realização de pesquisa empírica foi selecionado o

Recebido em: 19 fev. 2026 Aprovado em: 05 mai. 2026

[115] Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (1998 - 2001). Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (2002 - 2004). Mestre em Desenvolvimento e Planejamento Territorial - Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2014-2016). Mestre em História pela Universidade Federal do Amapá (2021-2023). Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (2017-2022). Estágio em doutorado sanduíche na Universidade do Porto-PT (2018-2019).. CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/5350906272443743 Orcid: https://orcid.org/0000-0003-3169-3383 E-mail: samuel.duarte@uffs.edu.br

[116] Mestranda no Programa de Políticas Públicas PPGPP/UFPI, biênio 2025-2027. Bacharela em Serviço Social pela Universidade Federal do Piauí - UFPI 2024.).. CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/5906965964079403 Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4766-3130 E-mail: amandamelo@ufpi.edu.br

[117] Doutora em História na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestra em Literaturas dos Povos Africanos de Língua Oficial Portuguesa pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) - Universidade Nova de Lisboa (2006). Graduada em Letras-Português, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2001). Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNIFAP (PPGLET) e do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH). CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/6242769486692920 Orcid: https://orcid.org/0000-0001-6405-6773 E-mail: fernanda.santos@unifap.br

Terreiro de Umbanda Nossa Senhora da Conceição em Nazária-PI. O trabalho foi estruturado em dois tópicos. O primeiro informa as bases histórico-metodológicas visando descrever os pressupostos historiográficos e percursos metodológicos da pesquisa. O segundo apresenta a Umbanda como religião popular que se conecta com as questões de saúde, em diáologo com a formação étnico cultural do povo brasileiro, se constituindo em manifestação típica das classes subalternizadas. Concluímos comunidades como a estudada exercem importante papel na comunicação da medicina popular e cuidados corporais, através da oralidade e da transmissão intergeracional de modos de pensar, sentir e agir sobre a saúde relevantes para a manutenção das tradições – é a própria saúde coletiva e integração do grupo.
Palavras-chave: religião; afro-brasileira; saúde

Abstract: This article presents, from a socio-historical perspective, a basis for understanding the relationship between the practice of Afro-Brazilian religions and the promotion of health. For the purposes of conducting empirical research, the Terreiro de Umbanda Nossa Senhora da Conceição in Nazária-PI was selected. The work is structured in two topics. The first informs the historical-methodological bases and aims to describe the historiographical assumptions and methodological paths of the research. The second presents Umbanda as a popular religion connected to health issues, in dialogue with the ethnic and cultural formation of the Brazilian people, constituting a typical manifestation of the subaltern classes. We conclude that communities like the one studied here play an important role in the communication of popular medicine and body care, through orality and the intergenerational transmission of ways of thinking, feeling, and acting about health, which are important for the maintenance of traditions – it is the collective health and integration of the group itself.
Keywords: religion; Afro-Brazilian; health.

Introdução

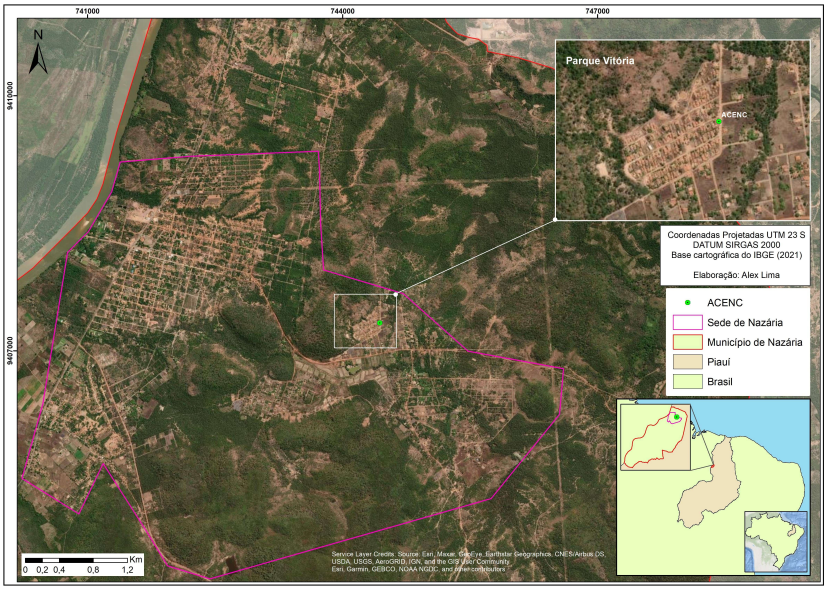
Este artigo apresenta, na perspectiva sócio-histórica, bases para a compreensão da relação entre a prática de religião de matriz afro-brasileira e a promoção da saúde. Para fins de realização de pesquisa empírica foi selecionado o Terreiro de Umbanda Nossa Senhora da Conceição em Nazária-

PI, cujo médium é o pai de santo F., figura central na proposição e realização da pesquisa, devido à liderança que exerce no âmbito comunitário. O referido Terreiro foi instalado no início do novo milênio, de modo que possui duas décadas de existência. No escopo do presente texto, construímos a fundamentação histórica do tema de pesquisa, para, de seguida, realizar visitas em campo, entre setembro de 2022 e fevereiro de 2023, para produção dos relatos em história oral.

Nossa linha de trabalho parte do princípio que a ascensão da Umbanda, como expressão religiosa afro-brasileira, respondeu a processos de luta pela inclusão de grupos subalternizados; entendemos que as manifestações religiosas em tela podem ser examinadas com o suporte da história oral; e que as marcas culturais da trajetória da umbanda se encontram enraizadas na memória coletiva e nas expressões simbólicas constitutivas de suas crenças, com destaque nesse texto para a relação das práticas rituais com a saúde e bem-estar.

Contextualizando o campo de pesquisa, Nazária é uma cidade no estado do Piauí, que ocupa uma área de 364 km² e conta com uma população estimada de 8 mil e 632 habitantes. A densidade demográfica é de 22,19 habitantes por km² na área de abrangência do município, que é limítrofe aos municípios de Demerval Lobão, Lagoa do Piauí e Curralinhos, distante cerca de 30 km da capital Teresina. De acordo com o IBGE, em 2020, o salário médio mensal era de 1.2 salários-mínimos, com uma taxa de ocupação de 15.6% da população total. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava a posição 221 entre 224 municípios em termos de renda. Já na comparação com cidades do país todo, ficou na posição 5533 de 5570. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário-mínimo por pessoa, cerca de 52.1% da população se encontrava nessas condições, o que o colocava na posição 163 de 224 dentre as cidades do estado e na posição 972 de 5570 dentre as cidades do Brasil. No campo religioso, há predomínio de adeptos do Catolicismo, com importante presença também do segmento Evangélico; para fins de pesquisa, cabe registrar que o município conta com cerca de 12 Terreiros com prática de cultos afro-brasileiros.

Mapa 1: Localização do Terreiro Nossa Senhora da Conceição, em Nazária - PI



Fonte: IBGE (2021)

Foi elaborado e aplicado roteiro de entrevista em história oral para reconstituir o percurso formativo do Terreiro visitado, sua liderança e comunidade. A centralidade do pai de santo na construção do material de pesquisa deveu-se ao fato de que a linha temporal da comunidade de um Terreiro de Umbanda se encontra ligada de forma umbilical com a história de vida do seu líder, sendo, portanto, um intérprete da cultura local.

Adotamos a perspectiva de que as manifestações religiosas afro-brasileiras constituem atos de resistência do povo negro tanto em relação ao sistema escravista, no caso em particular do Candomblé, quanto do sistema de classes, no caso particular da Umbanda. Esse marcador de raça e classe na Umbanda se afirma por meio da composição do seu conjunto de praticantes e, para a finalidade do presente estudo, pelo panteão umbandista composto por orixás africanos, entidades indígenas e santos católicos numa lógica sincrética que se coaduna com a construção de uma comunidade imaginada.

O trabalho foi estruturado em dois tópicos. O primeiro informa as bases histórico-metodológicas do tema de pesquisa e visa descrever os pressupostos historiográficos e percursos metodológicos da pesquisa. O segundo apresenta a Umbanda como religião popular que se conecta com as questões de saúde, em diáologo com a formação étnico cultural do povo brasileiro, se constituindo em manifestação típica das classes subalternizadas.

1. As bases histórico-metodológicas do tema de pesquisa

A presente pesquisa foi elaborada ao longo dos anos de 2021, ocasião da formulação e discussão de projeto de mestrado em História pelo PPGH-Unifap e seu subsequente desenvolvimento. Duas tarefas foram realizadas como fundamentos para efetivação da pesquisa. A primeira consistiu no levantamento de bibliografias de referência sobre Umbanda e religiões afro-brasileiras, bem como o aporte metodológico de História Oral e suas relações com as Teorias da História em geral; a segunda tarefa consistiu na visita recorrente ao terreiro de Umbanda no qual se previu a realização da pesquisa, estabelecendo o diálogo com a liderança local e comunidade, de modo a recolher informações e impressões prévias que nos permitiram elaborar o roteiro de entrevista, o qual foi então aplicado em encontros marcados exclusivamente para essa finalidade em no segundo semestre de 2022. A dissertação resultante da pesquisa foi defendida e aprovada no ano de 2024. O presente texto é um recorte de pesquisa focalizando a questão da saúde numa perspectiva holística.

Tratamos do material produzido através do registro de relatos orais a partir do aporte teórico selecionado. Por meio do registro memorialista de trajetórias e vivências de sujeitos de pesquisa no Terreiro de Umbanda Nossa Senhora da Conceição, em Nazária-PI, destacamos as maneiras de pensar, sentir e agir que tornam a comunidade em questão uma rede de afetos sócio-histórica permeada pelo aspecto místico; também enfocamos a produção simbólica – tanto imagética quanto discursiva – em torno dos objetos de culto e devoção típicos da Umbanda.

Argumentamos que a Umbanda, assim como as tradições correlatas, consiste em expressão da liberdade religiosa conquistada por meio das lutas por emancipação de população negra escravizada e dos estratos sociais mais vulneráveis. Para fins de análise, compreendemos como religiões afro-brasileiras aquelas cujas origens remontam aos povos africanos traficados para território brasileiro, constituindo aqui o autonomeado “povo de santo” com suas diversas variantes (Tramonte, 2013, p.103). Descrita a base temática e empírica do estudo, passamos a seguir à discussão propriamente metodológica.

Jenkins (2017, p. 23-28) argumenta que a história, enquanto campo de saber, se constitui como prática discursiva sobre o mundo. Pondera que o texto historiográfico é uma perspectiva construída pelo narrador, a qual não corresponde ao mundo em si, pois opera através de recortes intencionais que levam a focalizar determinados aspectos e grupos sociais. Isso ocorre porque a pesquisa historiográfica é condicionada pelos fatores socioculturais, no plano estrutural; e por ideologias, valores e sentimentos, no plano do narrador.

Manieri (2013, p. 221-224) lembra que cada geração tem suas preocupações dirigidas ao passado, de modo que o olhar historiográfico seja também situado no eixo temporal. Isso implica reconhecer que a produção historiográfica subsiste em constante releitura e ressignificação. Tendo isso em mente, o historiador busca (re)construir registros que permitam falar sobre o passado.

Prado & Silva Jr. (2014, p. 8; 20-22) defendem que a distinção do fazer historiográfico repousa sobre o exame de singularidades temporais. Nesse sentido, o estudo da religião em chave histórica implica colocar em perspectiva as características distintivas de determinado evento ou domínio do sagrado, tomando as crenças religiosas como expressões de um modo de existir em sociedade – interessa-nos mais a realidade social de uma prática religiosa do que a exegese dos seus mistérios esotéricos.

Com o fito de construir as narrativas que embasaram a análise em perspectiva, mobilizamos a abordagem e instrumentos da história oral. A justificativa para essa escolha reside na imbricação existente entre história oral e identidade, o que consideramos apropriado para o estudo de fenômenos carregados de simbolismos, como é o caso da religião. A oralidade, parte inerente das práticas religiosas, constitui-se em acervo histórico-cultural de enorme valia para a compreensão dos modos de vida social (Joutard, 2000, p. 43-45); e pode ser aqui compreendida como parte da memória viva e expressão de traços comportamentais que se inscrevem no cotidiano (SALES, 2015, p. 158), deixando suas marcas através das vivências sociais, em estreito contato com os aspectos místicos e atemporais das expressões religiosas (Seawright, 2019, p.177-181), admitidas essas como autênticas atualizações do passado coletivo, com vistas à sua inscrição na perenidade, de modo que ganham relevo as teias de significados constituídos nas interações intersubjetivas dos sujeitos afetos a um universo cultural-religioso.

Portanto, partimos da concepção de que a história oral consiste em método de construção e registro de narrativas e, por conseguinte, passível de utilização como meio de produção de documentos – com a devida ressalva de que um documento não corresponde à realidade efetiva das coisas, mas consiste numa determinada apreensão de eventos pretéritos por sujeitos concretos (Giannattasio & Bordonal, 2019, p. 95-96). A oralidade ganha relevo historiográfico na medida em que é percebida como veículo para a comunicação intergeracional, se conectando à ancestralidade, ponto fulcral para o estudo de comunidades tradicionais.

Num prisma sociopolítico, a história oral também permite registrar a perspectiva histórica de sujeitos subalternizados, frequentemente alijados da história oficial. Em síntese, a história oral registra impressões atuais de

vivências pretéritas – com o devido reparo de que essas são recortadas e rearranjadas pelos sujeitos – para compor a memória coletiva (Freitas, 2006, p.19; Meihy; Holanda, 2015, p.13-14; Sales, 2015, p. 159).

Le Goff (2003, p. 423-424) entende que a memória coletiva funciona como um acervo geracional que dá suporte à compreensão do mundo dos atores sociais. A construção e difusão de narrativas sobre os eventos históricos seriam os elementos centrais de análise em questão. Nesse sentido, a memória coletiva joga papel relevante nas tradições religiosas, na medida em que rituais e dogmas são partilhados entre seus praticantes de forma ativa. O próprio culto das divindades pelos seus adeptos e as celebrações públicas são atos que se inscrevem na memória coletiva. Toda a simbologia mística procura sintetizar os saberes e crenças partilhadas pelos praticantes de uma religião.

As reminiscências constituem matéria prima da história oral e parte essencial do processo de construção de narrativas ancoradas nos percursos vitais com suas similitudes e acidentes. Sendo assim, a entrevista alinhada com a perspectiva da história oral, pode ser ferramenta útil para provocar a reflexão sobre a trajetória pessoal e suas imbricações intersubjetivas, se admitimos que a compreensão de mundo do sujeito está diretamente conectada à memória coletiva. O ato de entrevistar implica num diálogo com vistas à partilha de saberes e o registro de vivências (Thompson, 1992, p. 210; Sales, 2015, p. 159-160).

Nossa pesquisa focalizou a expressão de tradição religiosa afro-brasileira a partir do relato de um pai de santo, como porta-voz de um grupo de praticantes da Umbanda. Tendo por referência a abordagem da história oral, construímos um roteiro para entrevista semiestruturada, composto por itens descritivos e perguntas de profundidade. A história oral rejeita a neutralidade do pesquisador, seja esta epistemológica ou axiológica; reconhece que pesquisa deve estabelecer uma relação dialógica entre sujeitos; que a entrevista é um dos mecanismos possíveis, mas não exclusivo, para a reconstituição simbólica do passado; e que o recurso a registros visuais possui um conteúdo que se conecta ao mundo simbólico, que por sua vez, aponta para os marcadores de classe, cultura e ideologia. (Silveira, 2007, p.39-41; Sales, 2015, p. 159; Mauad, 2016, p. 23-25).

2. A Umbanda como parte da cultura popular e o terreiro como lugar de promoção de saúde e bem-estar

O contexto em que a Umbanda se formou como um culto brasileiro foi marcado pelos processos históricos desencadeados em fins do século XIX e início do século XX – eventos que abalaram a organização social como a

abolição da escravatura, a Proclamação da República e a gradativa incorporação subalternizada dos negros na sociedade de classes, criando um ambiente propício à busca por formas de identidades nacionais híbridas, que conjugassem diferentes elementos raciais e culturais. A crescente urbanização criaria novos contextos de sociabilidade nos bairros populares e periferias habitadas por trabalhadores.

A história da Umbanda nos reporta à confluência entre a expressão religiosa de comunidades subalternizadas e a construção identitária da nação brasileira. Nesse sentido, a emergência da Umbanda, ainda em princípios do século XX, pode ser entendida como uma manifestação da busca pela identidade nacional para além da estreita reprodução dos modelos europeus. A constituição da Umbanda remonta ao processo de mistura entre o kardecismo de classe média praticado em grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo, elementos dos cultos afro-brasileiros – como a cabula de origem banto, a invocação de espíritos ameríndios de caboclos e a devoção a santos do catolicismo popular – formando uma amálgama de crenças original que se articula com a integração de classes subalternizadas no tecido urbano (Negrão, 1993, p. 114; Prandi, 1998, p. 156; Silva, 2005, p. 107-109; Assunção, 2010, p. 158; Jorge, 2013, p. 154)

O desenvolvimento das religiões afro-brasileiras consiste na expressão da atividade cultural de grupos étnico-raciais subalternos, que encontraram no plano místico meio para representar sua trajetória, lutas e sonhos. Nesse sentido, é compreensível a homologia entre os cultos afro-brasileiros e as tradições do catolicismo popular e as tradições indígenas, visto que partilham a mesma angústia fundamental: a pauperização e a criminalização (Silva, 2005, p. 114-115). E um tópico central para as frações excluídas consiste na saúde, cuidado com o corpo e promoção do bem-estar.

Rocha, Severo & Félix-Silva (2019a, p.2) destacam as práticas de cura, danças e cantorias como expressões culturais afro-brasileiras de resistência ao processo colonial/escravocrata. A partir disso, a cultura religiosa se torna uma ação afirmativa de um grupo étnico-racial que luta contra as tentativas de aculturação e apagamento de suas tradições. É a preservação de uma memória coletiva que está em pauta.

Carneiro (2000, p. 24-25) aponta que a corporalidade que compreende os ritos da religiosidade de matriz Africana são expressões para fortalecimento de um bem-estar associado subjetivamente à saúde e mais efetivamente quando se trata de ritos de cura. As danças e a musicalidade presents nos rituais são uma expressão de uma permanência étnica, estar vivo, associado à espiritualidade. Além disso, as histórias contadas sobre os orixás trazem força

e possibilidade de vida, seja nas expressões de mulheres guerreiras, nos sabers sobre a terra e no cuidado. Simas (2021, p.8-9) elenca como características comuns na Umbanda a crença na conexão entre o mundo material e espiritual, a busca pelo equilíbrio entre natureza e homem, o corpo como base física para a manifestação da espiritualidade, práticas rituais que visam a cura física e espiritual.

Carneiro (2000, p. 35-37) considera que, na religião de matriz Africana, há uma Ética do Cuidado que considera alimentar e fortalecer a pessoa durante todo o seu ciclo de vida e promover a afetividade. Estabelecendo assim uma perspectiva de que ter saúde está relacionado com manter-se vivo, visto a perseguição histórica aos grupos étnico-raciais negros que compreendem a maior parte das pessoas de religiosidade de matriz africana, mas não só. Estar vivo, com saúde, é também estar reunido em comunidade manifestando as expressões da corporalidade e musicalidade em um espaço sagrado.

Na pesquisa de campo identificamos que a entidade denominada Seu João da Mata, negro e curandeiro, é o chefe de ordens no Terreiro e responsável pelos cuidados com a saúde dos prosélitos a partir de saberes tradicionais.

Fotografia 1: Caboclo Seu João da Mata



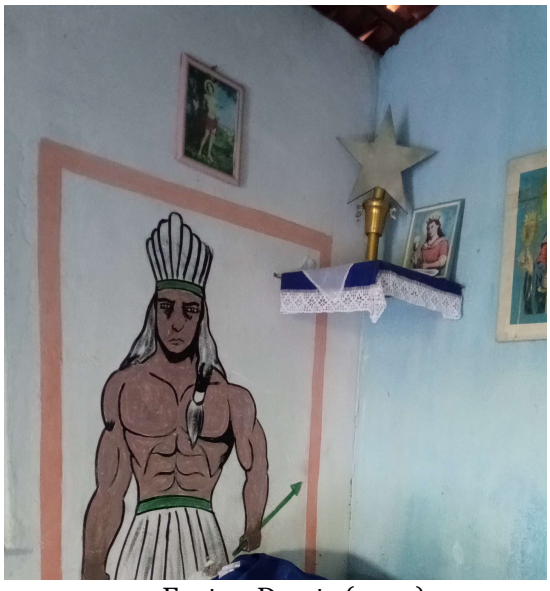
Fonte: Duarte (2023)

> F: ((...)) seu João da Mata... João Vieira da Silva das Matas... seu nome... propriamente dito... e que não poderia deixar de estar presente aqui porque ele é o contra-chefe dessa casa... ele é quem determina as ordens e como funciona aqui nessa casa... com as forças das matas... fazendo curas... tanto espirituais e:::... quanto materiais no sentido remédios... de garrafadas... e:::... incensos... e de outras formas mais. (informação verbal)

A relação entre entidades da umbanda, santos católicos e os elementos da natureza – o encontro entre as matas e as águas. Seu João da Mata, caboclo, representa os povos nativos, a bondade e o poder de cura que vem da natureza. (Barbosa Jr, 2014, p. 139-140).

A presença do elemento caboclo no terreiro visitado se percebe nos ícones pintados nas paredes do templo. Pena Branca, espírito caboclo, representa o indígena, como parte constitutiva da identidade nacional e do panteão umbandista. Barros (2022) registra que o caboclo na Umbanda representa o elemento autóctone que habitava essas terras antes da invasão europeia, bem como o produto da miscigenação entre indígenas e brancos com o decurso do processo colonial. Esses caboclos são percebidos na Umbanda como espíritos fortes vinculados à natureza; são dotados de conhecimentos sobre uso de ervas e remédios, sendo portanto, também, espíritos curadores.

Fotografia 2: Caboclo Pena Branca



Fonte: Duarte (2023)

> F: ((...)) seu Pena Branca... que POR ser índio devia estar do outro lado junto com as matas... mas é que ele também cruza a corrente das matas com a corrente de exú... então seu Pena Branca é um moço muito interessante... muito bonito e que também trabalha muito bem ambos os lados... né? (informação verbal)

Simas (2021, p. 113) ressalta que as diversas expressões religiosas afro-brasileiras sofreram ao longo do tempo, perseguições as mais diversas, não raro com a chancela do poder público, por meio de sanções contra as chamadas "tecnologias de encanto" – as práticas de cura – e contra os rituais sagrados – o bater tambor. Para isso se evocam a proscrição do curandeirismo e a vedação da perturbação da ordem com o objetivo de criminalizar as práticas de cuidado com o corpo e da alma que permeiam a religiosidade popular. O pano de fundo é a estreita relação entre os cultos afro-brasileiros com a natureza (aspecto selvagem) e as populações vulneráveis (aspecto societário).

Fotografia 3: A tronqueira/presépio



Fonte: Duarte (2023)

> S: Pode explicar o que é tronqueira para nosso ouvinte ((leitor))?
> F: A tronqueira é exatamente um ponto de firmeza das nossas casas... certo? A tronqueira na grande maioria se não em todas as tronqueiras são de exús. Por que? Porque um exú... ao

> contrário do que muitas pessoas possam pensar possam imaginar... eles são guardiões são curadores eles são pessoas do bem... quando eu digo pessoas é porque eu tenho como pessoas... né? Então eles são essas entidades que fazem um trabalho que talvez algum orixá não faz... então eles estão ali para guardar a entrada da casa... de algum... de alguma eventualidade que possa acontecer tanto com... o zelador da cada quanto com as pessoas que frequentam a casa. (informação verbal)

As entidades da Umbanda refletem o processo de construção da identidade nacional, ressaltando nesse processo o papel das figuras subalternizadas e regionais. É justamente essa capacidade de dialogar com aspectos da sociedade brasileira que fazem da Umbanda um experimento místico original e uma chave interpretativa da realidade social, destacando as heranças espirituais indígenas e africanas (Engler, 2011, p.25; Simas, 2021, p.102).

Destacamos aqui a possessão como meio para a promoção do bem – o fenômeno da possessão é indissociável da Umbanda, consistindo na forma típica de manifestação do sobrenatural, por meio da incorporação de uma entidade no corpo do devoto, que então emerge como um receptor para a intervenção da espiritualidade no plano material, que comumente se expressa por meio da clarividência (Nascimento; Souza; Trindade, 2001, p. 108; Jorge, 2013, p. 160; Silva & Casali; 2014, p. 78; Chaves; Mondardo, 2017, p. 193). Importante registrar que as entidades podem realizar atendimento aos prosélitos quando descem em seus cavalos – em geral proferem bênçãos, comunicam conselhos e realizam práticas de cura.

Os praticantes da Umbanda interagem com o plano espiritual através das múltiplas manifestações do sagrado na forma dos orixás, os quais se apresentam ao mundo sensível por meio dos médiuns. Acredita-se que a atuação dos espíritos junto aos médiuns permite encantar o mundo sensível e intervir no curso de vida dos adeptos da Umbanda. Essa interferência mediúnica cria uma esfera de carisma na qual o crente percebe sua realidade humana como parte constitutiva de um plano místico (Saraceni, 2014, p. 30-32).

Não obstante sua identificação com o processo de construção nacional, os cultos afro-brasileiros travaram embate com a legislação que buscava criminalizar práticas sagradas. Como o artigo 284 do decreto-lei nº 2.848 do Código Penal, de 07 de dezembro de 1940, a seguir transcrito:

> Art. 284 - Exercer o curandeirismo:
> I - prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância;
> II - usando gestos, palavras ou qualquer outro meio;
> III - fazendo diagnósticos:
> Pena - detenção, de seis meses a dois anos.
> Parágrafo único - Se o crime é praticado mediante remuneração, o agente fica também sujeito à multa. (Brasil, 1940)

Importante ressaltar que o líder espiritual partícipe da presente pesquisa relatou que atua em consonância com o que preconiza a saúde pública, fazendo atendimentos conforme a tradição umbandista e recomendando a procura de locais de atendimento médico e psicológico para os devidos cuidados que a mente e o corpo exigem, o que pudemos observar no cotidiano do terreiro, atuando de forma complementar ao sistema de saúde convencional.

Na Umbanda, a comunicação entre o plano espiritual e o plano físico, propriedade típica dos fenômenos religiosos, se dá mediante o transe de possessão, durante o qual ocorre a incorporação de entidades. É por meio de vibrações que transcorre a comunicação dos espíritos aos viventes, numa lógica de ação terapêutica na qual se procura dirimir toda a sorte de mazelas. Podemos destacar aqui os processos de cuidado e cura física, tendo em vista a apreensão do corpo como abrigo para a manifestação das divindades. Ressalta-se aqui o papel das entidades na promoção da cura e a intervenção mística como suporte para a resolução de demandas humanas (Assunção, 2010, p. 161; Brito, 2017, p. 174; Rocha, Severo & Félix-Silva, 2019b, p. 4).

> S: O que eles ((as entidades)) representam na sua vida e para o Terreiro aqui?
> F: Eles representam tudo... tudo porque... eu acredito que se não fosse pela graça divina eles também não estariam comigo e eu não seria a pessoa que sou hoje...
> S: Mas cada um deles tem sua característica... o que eles trazem para o Terreiro?
> F: Sim... sim... sim... tem sim... cada um tem sua importância... né? Não tirando a importância dos outros... mas... nesta casa posso afirmar.. Seu João da Mata é curador... né? Ele cura com ervas... né? Caboclo Jesuíno... pela sua vez é das águas... mas que também é curador... ele cura é:::... digamos que um caboclo que tem uma evolução bem maior do que alguns

> orixás... É:::... e Nossa Senhora da Conceição... acredito que faz parte da minha fé... da minha... da minha trajetória de vida... pois tudo que eu peço a esses três é muito difícil não ser atendido então eles são tudo na minha vida... né? Abaixo do Criador... nosso pai Oxalá... eles são tudo pra mim. (informação verbal)

O terreiro pode ser visto como espaço de promoção da saúde, uma espécie de hospital que acolhe enfermos. Spezani & Gomes (2022, p. 40-41) refletem sobre o significado das práticas de cura realizadas nos terreiros. Aqui a atuação de entidades e médiuns surge como parte de um conjunto de saberes tradicionais que se dirigem ao corpo e espírito do consulente, pensando a pessoa de forma integral.

Destacamos aqui a relação entre a prática da Umbanda e a promoção da saúde por meio de rituais de cura, nos quais os ancestrais cuidam dos viventes. Na ritualística da Umbanda, o transe desencadeado pela possessão tem como objetivo prover aos prosélitos situações de cura corporal e orientação espiritual. Convém registar que terreiros de Umbanda incluem, em suas atividades ordinárias, o trato com a medicina popular e cuidados corporais, em geral em contexto de precário acesso aos serviços de promoção da saúde (Prandi, 1990, p. 56; Carvalho & Bairrão, 2017, p. 148; Rocha, Severo & Félix-Silva, 2019b, p. 14; Spezani & Gomes, 2022, p. 35).

> S: Qual a importância das consultas e trabalhos de limpeza existentes na Umbanda?
> F: Bem... nessa casa... a gente funciona e... em regime de consulta... ou seja... porque o terreiro... ele funciona como um hospital também... Então chega paciente de todas as formas... de todas as enfermidades e às vezes ele já vem do hospital convencional... Alguém lá já disse "não... vai pra casa... está liberado e acabou"... E quando chega no terreiro... muitas vezes a gente consegue... abaixo do Todo Poderoso... a gente consegue um êxito... E essas consultas são feitas assim... são feitas através de nomes... dos pacientes que são colocados à disposição dos orixás... e esses orixás vão fazer uma busca um apanhado em cima daquele nome ou dos nomes, daí ele vai ver de que forma pode servir... é... pode ser resolvida a enfermidade daquele paciente... né? E quando ele vem de volta para pegar o resultado então o orixá vai dizer se pode ou não pode dar continuidade naquele trabalho... Porque eu não posso falar das outras casas... mas posso falar aqui da nossa...

> Se for pra ser resolvido por aqui... então o moço dá o parecer dele e vamos partir para o trabalho... certo? Quando vamos partir para o trabalho... se for necessário de material... então ele vai dizer que tipo de material ele vai precisar... vai passar esse material pro consulente... no caso... o paciente e esse vai... é:::... procurar comprar esse material e trazer pra casa para que seja feito esse trabalho... certo? (informação verbal)

O Conselho Nacional de Saúde – CNS, em 2023 propõe uma resolução que orienta estratégicamente a formulação de políticas públicas com base no que foi deliberado na 17ª Conferência Nacional de Saúde. Dentre os 59 pontos em anexo, destaca-se o de número 46 que diz:

> 46. (Re)conhecer as manifestações da cultura popular dos povos tradicionais de matriz africana e as Unidades Territoriais Tradicionais de Matriz Africana (terreiros, terreiras, barracões, casas de religião, etc.) como equipamentos promotores de saúde e cura complementares do SUS, no processo de promoção da saúde e 1ª porta de entrada para os que mais precisavam e de espaço de cura para o desequilíbrio mental, psíquico, social, alimentar e com isso respeitar as complexidades inerentes às culturas e povos tradicionais de matriz africana, na busca da preservação, instrumentos esses previstos na política de saúde pública, combate ao racismo, à violação de direitos, à discriminação religiosa, dentre outras (Brasil, 2023).

Podemos colocar em destaque o entendimento de que há o reconhecimento da inclusão dos conhecimentos em saúde de matriz Africana na composição do Plano Nacional de Saúde. Contribui para uma perspectiva ampla de saúde e reconhece uma atenção inicial, sobretudo no cuidado de pessoas em situaçã de vulnerabilidade. Embora as diretrizes do CNS não tenham força de lei e não prescrevam diretamente à obrigatoriedade de implementação pelo Ministério da Saúde, elas funcionam como referenciais orientadores importantes para o planejamento de políticas públicas, estimulando práticas participativas de cuidado, o fortalecimento de redes comunitárias de promoção de saúde e diálogo entre os saberes, enriquecendo a integralidade do SUS.

A centralidade do bem-fazer conduz a uma concepção moral da vida que implica o ativo exercício da fraternidade e da tolerância, virtudes cívicas essenciais para sociedades plurais que se pretendem democráticas. Havemos

de registrar que a lógica do racismo opera naturalizando as diferenças sociais e exportando sua lógica para as manifestações culturais e religiosas. O caso das manifestações culturais e religiões de matriz africana se tornam assim alvo de perseguição, estigma e exclusão – por isso não é fortuito que muitos praticantes da Umbanda declarem o catolicismo como religião pública como mecanismo de defesa (Prandi, 2004, p. 225).

Enfrentar um sistema racista e excludente implica desestabilizar a cultura dominante para mostrar que não é homogênea e que, portanto, o fato da diferença precisa ser reconhecido politicamente; bem como confrontar o Estado liberal e sua reivindicação de neutralidade ante um quadro de flagrante injustiça contra populações pauperizadas – a Umbanda envidou esforços para tornar audíveis as expressões socioculturais de frações subalternizadas da sociedade brasileira e, sua longevidade histórica atesta sua força transformadora da realidade (Morais, 2019, p. 1631).

Considerações finais

A história dos povos tradicionais de matriz Africana no Brasil é marcada por processos de exclusão social e estigmatização de suas práticas culturais e religiosas. Com o apontamento do Conselho Nacional de Saúde acerca da manifestação cultural dos povos tradicionais e a religiosidade de matriz Africana como promotores de saúde e cura complementar ao Sistema Único de Saúde, há o reconhecimento da importância social e legitima a proposição de políticas públicas de saúde. Desta forma pode-se reduzir desigualdades e promover uma maior inclusão de populações racializadas e culturamente diversas no SUS.

No presente texto procuramos articular elementos da umbanda como cultura religiosa de matriz afrobrasileira com a promoção da saúde, do cuidado e do bem-estar. Tomamos as crenças religiosas como expressão de um modo de viver em sua articulação espírito-corporeidade. Defendemos a perspectiva de que a umbanda é parte do acervo da cultura popular com repercussões na esfera da saúde e o terreiro se configura em lugar de promoção de saúde e bem-estar.

A Umbanda emergiu do intercurso do mosaico religioso do Brasil pós-colonial e republicano, um contexto no qual a busca pela identidade nacional tem repercussões no campo religioso, com a singularidade de acolher representações místicas associadas às classes subalternizadas. A religião ganha contornos de questão de saúde, cuidado com o corpo e promoção do bem-estar para frações de classe pauperizadas e excluídas, que buscam na sabedoria popular algum remédio para os males do corpo. A umbanda se destaca nesse

tema ao articular a relação entre natureza e a condição humana, buscando na interação com os vetores ambientais elementos que permitam promover o bem-estar físico, mental e espiritual.

Reconhecemos na Umbanda, como expressão de religião afrobrasileira, uma ética do cuidado que visa promover a saúde integral da pessoa – física, mental e espiritual. Aspectos como a sociabilidade e troca de saberes no contexto da tradição umbandista também contribuem para a promoção do bem-estar. A atuação do pai de santo, na condição de médium, atua na esfera dos cuidados com a saúde dos prosélitos pela mediação com as entidades que representam espíritos curadores dotados das tecnologias de encanto que permitem articular tradição, fé e saúde popular.

Precisamos destacar o papel da ancestralidade na comunicação da medicina popular e cuidados corporais – no seio da comunidade a oralidade e a transmissão intergeracional de modos de pensar, sentir e agir sobre a saúde importam para a manutenção das tradições – é a própria saúde coletiva e integração do grupo que está em jogo, de modo que o terreiro funciona como uma espécie de hospital da alma e do corpo a partir dos saberes tradicionais, em consonância com as resoluções do Conselho Nacional de Saúde sobre o tema.

Referências

ASSUNÇÃO, L. A transgressão no religioso: Exus e mestres nos rituais da umbanda. Revista Anthropológicas, ano 14, vol.21(1): 157-183, 2010.

BARBOSA JR, A. O livro essencial de Umbanda. São Paulo: Universo dos Livros, 2014.

BARROS, S. C. Brasil imaginário: umbanda e sociedade brasileira. Curitiba: CRV, 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 725, de 9 de novembro de 2023. Dispõe sobre a aprovação da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde das Pessoas com Albinismo no SUS. Brasília: CNS, 2023.

BRITO, L. G. A vibração dos corpos: notas sobre uma teoria umbandista do intercâmbio mediúnico-energético. Relig. soc., Rio de Janeiro, v. 37, n. 3, p. 173-197, dez. 2017.

CARNEIRO, Fernanda. Nossos passos vêm de longe... . In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (orgs.). O Livro da Saúde das Mulheres Negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2000.

CARVALHO, J. B. B.; BAIRRÃO, J. F. M. H. Fios da razão: Tradição e pluralidade da Umbanda em Pontal. Interação em Psicologia, v. 21, n. 02, 2017.

CHAVES, G. S. V. C.; MONDARDO, M. L. Práticas Umbandistas: revelando as territorialidades dos centros de umbanda na cidade de Dourados-MS. Revista Geonorte, v.8, n. 28, p. 191-208, 2017.

ENGLER, S. A umbanda e a glocalização. Debates do NER, Porto Alegre, ano 12, n. 20 p. 11-44, jul./dez. 2011.

FREITAS, S. M. de. História oral: possibilidades e procedimentos. 2. ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GIANNATTASIO, G.; BORDONAL, G. C. (orgs.) Uma pós-modernidade trágica: a historiografia para além da verdade e da mentira. *In*: GIANNATTASIO, G. (org.) A História, esta cortesã: historiadores pensam a história numa perspectiva pós-moderna. Curitiba: CRV, 2019.

IBGE. Cidades. Nazária, Piauí. Disponível em https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/nazaria/panorama [acesso realizado entre dezembro de 2021 e janeiro de 2022].

JENKINS, K. A história repensada. São Paulo: Contexto, 2017.

JORGE, É. F. da C. Umbanda: a problemática questão de suas origens, o arranjo de sua cosmovisão. Vivência: Revista de Antropologia, [S. l.], v. 1, n. 41, 2013.

JOUTARD, P. Desafios à história oral do século XXI. *In:* FERREIRA, M. de M; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (org.) História oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000.

MANIERI, D. Teoria da história: a gênese dos conceitos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MAUAD, A. M. O futuro do passado e os desafios da escrita da história para o século XXI. *In:* MENEZES, S.; SANTOS, C. J. dos. (orgs.) História e contemporaneidades. Curitiba: CRV, 2016.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. História oral: com o fazer, com o pensar. 2. ed., 4 a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

MORAIS, M. R. de. De macumba a umbanda: o processo de legitimação da religião dita genuinamente brasileira. Horizonte, Belo Horizonte, v. 17, n. 54, p. 1623-1646, set./dez. 2019.

NASCIMENTO, A. R. A. do; SOUZA, L. de; TRINDADE, Z. Exus e Pombas-Giras: o masculino e o feminino nos pontos cantados da umbanda. Psicologia em Estudo [online]. 2001, v. 6, n. 2, pp. 107-113.

NEGRÃO, L. N. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. Tempo soc., São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 113-122, dez.1993.

PRADO, A. P. do; SILVA JÚNIOR, A. M. da. História das religiões, história religiosa e ciência da religião em perspectiva: trajetórias, métodos e distinções. Religare, v.11, n.1, março de 2014, p.04-31.

PRANDI, R. Modernidade com feitiçaria: candomblé e umbanda no Brasil do século XX. Tempo soc., São Paulo, v. 2, n. 1, p. 49-74, jun.1990.

PRANDI, R. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. Horiz. Antropol., v. 4, n. 8, p. 151-167, jun.1998.

PRANDI, R. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. Estud. av., São Paulo, v. 18, n. 52, p. 223-238, dez. 2004.

ROCHA, M. B. da; SEVERO, A. K. de S.; FÉLIX-SILVA, A. V. Batuca lá, que eu batuco cá: os terreiros de umbanda e suas conjunturas sociais. Psicologia & Sociedade [online]. 2019a, v. 31.

ROCHA, M. B. da; SEVERO, A. K. de S.; FÉLIX-SILVA, A. V. Nos batuques dos quintais: as compreensões dos povos de Umbanda sobre saúde, adoecimento e cuidado. Physis: Revista de Saúde Coletiva [online]. 2019b, v. 29, n. 03.

SALES, T. B. História oral: ampliando olhares. *In:* OLIVEIRA, E. A. de; VIANA JR, M. M.; COSTA, P. R. S. M. (orgs.) Metodologias de pesquisa em Ciências Humanas: campos, problemas e objetos. Curitiba: CRV, 2015.

SARACENI, R. Doutrina e teologia de umbanda sagrada: a religião dos mistérios um hino de amor a vida. São Paulo: Madras, 2014.

SEAWRIGHT, L. Memória, história oral e patrimônio imaterial afro-brasileiro. In: GATTAZ, A.; MEIHY, J. C. S. B.; SEAWRIGHT, L. (orgs.). História oral: a democracia das vozes. São Paulo: Pontocom, 2019.

SILVA, L. H. O.; CASALI, R. Caboclos, pretos velhos: experiências e memória da religiosidade afrobrasileira. Revista Tempo, Espaço, Linguagem. V. 5, n. 1, 2014. P. 64-81.

SILVA, V. G. da. Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira. 5. ed. – São Paulo: Selo Negro, 2005.

SILVEIRA, É. da S. História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. MÉTIS: história & cultura, p. 35-44, jul./dez. 2007.

SIMAS, L. A. Umbanda: uma história do Brasil. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2021.

SPEZANI, R. dos S.; GOMES, A. M. T. Entre crenças, experiências e representações: uma análise da construção da identidade psicossocial de médiuns praticantes da Umbanda. Curitiba: CRV, 2022.

TRAMONTE, C. Religiões afro-brasileiras: direitos, identidades, sentidos e práticas do povo de santo. *In*: FLEURI, R. M. [et al.] (orgs). Diversidade religiosa e direitos humanos: conhecer, respeitar e conviver. Blumenau: Edifurb, 2013.